

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
ARIANA BATISTA DA SILVA
(ORGANIZADORES)

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

5

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
ARIANA BATISTA DA SILVA
(ORGANIZADORES)

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

5

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora



Prof^o Dr^a Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A educação enquanto fenômeno social: avanços, limites e contradições 5

Diagramação: Camila Alves de Cremo

Correção: Yaiddy Paola Martinez

Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga

Revisão: Os autores

Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
Ariana Batista da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: avanços, limites e contradições 5 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Ariana Batista da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0157-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.575222604>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Silva, Ariana Batista da (Organizadora). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Neste livro, intitulado de **“Educação enquanto Fenômeno Social: avanços, limites e contradições”**, reúnem-se estudos dos mais diversos campos do conhecimento, que se complementam e articulam, constituindo-se enquanto discussões que buscam respostas e ampliado olhar acerca dos diversos problemas que circundam o processo educacional na contemporaneidade, ainda em um cenário de desafios demandados pela Pandemia.

Sabemos que o período pandêmico, como asseverou Cara (2020), escancarou e asseverou desigualdades. Nesse movimento de retomada do processo de ensino e aprendizagem presencial, pelas redes de ensino, o papel de “agente social” desempenhado ao longo do tempo pela Educação passa a ser primordial para o entendimento e enfrentamentos dessa nova realidade, vivenciada na atualidade. Dessa forma, não se pode resumir a função da Educação apenas a transmissão dos “conhecimentos estruturados e acumulados no tempo”. Para além do “ler e escrever, interpretar, contar e ter noção de grandeza” é papel desta, assim como, da escola, enquanto instituição, atentar-se as inquietudes e desafios postos a sociedade, mediante as incontáveis mudanças sociais e culturais (GATTI, 2016, p. 37).

Diante disso, a Educação se consolida como parte importante das sociedades, ao tempo que o “ato de ensinar”, constitui-se num processo de contínuo aperfeiçoamento e transformações, além de ser espaço de resistência, de um contínuo movimento de indignação e esperar, como sinalizou Freire (2018). No atual contexto educacional, a Educação assume esse lugar “central”, ao transformar-se na mais importante ferramenta para a formação crítica e humana das pessoas, como lugar real de possibilidade de transformação da sociedade.

Destarte, os artigos que compõem essa obra são oriundos das vivências dos autores(as), estudantes, professores(as), pesquisadores(as), especialistas, mestres(as) e/ou doutores(as), e que ao longo de suas práticas pedagógicas, num olhar atento para as problemáticas observadas no contexto educacional, buscam apontar caminhos, possibilidades e/ou soluções para esses entraves. Partindo do aqui exposto, desejamos a todos e a todas uma boa, provocativa e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva
Ariana Batista da Silva

REFERÊNCIAS

CARA, Daniel. **Palestra online promovida pela Universidade Federal da Bahia, na mesa de abertura intitulada “Educação: desafios do nosso tempo” do evento Congresso Virtual UFBA 2020**. Disponível em: link: <https://www.youtube.com/watch?v=6w0vELx0EvE>. Acesso em abril 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GATTI, B. A. Questões: professores, escolas e contemporaneidade. In: Marli André (org.). **Práticas Inovadoras na Formação de Professores**. 1ed. Campinas, SP: Papyrus, 2016, p. 35-48.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

QUESTÕES EDUCACIONAIS: UMA REALIDADE EM ANGOLA E NO BRASIL

Gabriel Rodrigues Serrano

Damião de Almeida Manuel

Niembo Maria Daniel

Elijane dos Santos Silva


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5752226041>

CAPÍTULO 2..... 20

OS DESAFIOS DOCENTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA COM O ENSINO REMOTO

Ilze Maria C. Machado

Katia Mosconi Mendes


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5752226042>

CAPÍTULO 3..... 30

ESTÁGIO DOCENTE SUPERIOR E O CONSTITUIR-SE PROFESSORA NO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA DE GENÉTICA

Ariana Batista da Silva

Américo Junior Nunes da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5752226043>


CAPÍTULO 4..... 43

AS LEIS 10639/2008 E 11645/2008 E A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICORACIAIS NA LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Adriany de Ávila Melo Sampaio

Antônio Carlos Freire Sampaio

Rosana de Ávila Melo Silveira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5752226044>

CAPÍTULO 5..... 51

MERCOSUL EDUCACIONAL E PROCESSO DE BOLONHA: A INTEGRAÇÃO DOS SISTEMAS NACIONAIS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR EM QUESTÃO

Tatiana Carence Martins

Aurélio Ferreira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5752226045>


CAPÍTULO 6..... 61

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL BRASILEIRA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA DUALIDADE EDUCACIONAL

Plínia de Carvalho Bezerra

João Paulo Lira Martins


Prucina de Carvalho Bezerra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5752226046>

CAPÍTULO 7..... 73

A BIOÉTICA E AS CIÊNCIAS NATURAIS - 1975 A 2019

Sérgio Olim Gomes de Mendonça

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5752226047>

CAPÍTULO 8..... 92

CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA FREIRIANA À INCLUSÃO DOS ALUNOS PÚBLICO- ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Olga Mara Bueno

Vanessa Bernardi

José Carlos Winkler

Rita de Cássia da Silva Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5752226048>

CAPÍTULO 9..... 106

ENCRUZILHADAS VIRTUAIS E ANTIRRACISMOS CONTEMPORÂNEOS

João José do Nascimento Souza

Rogério Luís da Rocha Seixas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5752226049>

CAPÍTULO 10..... 119

FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO E A VIOLÊNCIA

Rebecca de Castro Teixeira

Florencia Cruz da Rocha Ebeling

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57522260410>

CAPÍTULO 11..... 128

ADOLESCENTES MARCADOS: VIOLÊNCIA E EMANCIPAÇÃO EM CONTEXTOS DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Carolina Cunha Seidel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57522260411>

CAPÍTULO 12..... 140

REPRESENTAÇÕES ACERCA DAS DINÂMICAS EDUCATIVAS, CULTURAIS E TRADICIONAIS COM CRIANÇAS E JOVENS: UM ESTUDO DE CASO

Paulo César Bulhões

Isabel Cabrita Condessa






 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57522260412>


CAPÍTULO 13..... 155

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A PREFIGURAÇÃO DO AGIR DOCENTE

Regina Aparecida de Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57522260413>

CAPÍTULO 14.....	174
COMPLEXIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE: INOVAR, INTERAGIR E INTEGRAR AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Sueli Perazzoli Trindade	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57522260414	
CAPÍTULO 15.....	184
ESTILOS DE LIDERAZGO Y GESTIÓN ADMINISTRATIVA DE LOS DIRECTIVOS DE LAS INSTITUCIONES EDUCATIVAS PÚBLICAS DE LA REGIÓN PUNO DEL PERÚ	
Demetrio Flavio Machaca Huancollo	
Leopoldo Wenceslao Condori Cari	
Edy Larico Mamani	
Jenner Volney Sanchez Arapa	
Proto Washington Caira Centeno	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57522260415	
CAPÍTULO 16.....	195
FACTORES PARA LA TRANSFORMACIÓN DIGITAL EN ORGANIZACIONES DE EDUCACIÓN SUPERIOR. CASO UNAD-COLOMBIA	
Diana Marcela Cardona Román	
Hugo Alberto Martínez Jaramillo	
María Crisalia Gallo Araque	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57522260416	
CAPÍTULO 17.....	227
GESTÃO E CURRÍCULO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORAS DE ESCOLAS PÚBLICAS DE UM MUNICÍPIO DO SUL CATARINENSE	
Gisele da Silva Milanez	
Antonio Serafim Pereira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57522260417	
CAPÍTULO 18.....	242
BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA REFLEXÃO ACERCA DA EQUIDADE DE GÊNERO	
Thayse Melo Borges	
Mareli Eliane Graupe	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57522260418	
CAPÍTULO 19.....	249
EDUCACIÓN CONTINUA, COMO ALTERNATIVA PARA AMPLIAR LA OFERTA EDUCATIVA EN EL INSTITUTO TECNOLÓGICO SUPERIOR DE TEPEXI DE RODRÍGUEZ	
Behetzaida Martínez Regules	
Socorro Pacheco Pérez	
Edgardo Roldán Y Tovar	
Heriberto Vázquez Guevara	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57522260419>

SOBRE OS ORGANIZADORES	256
ÍNDICE REMISSIVO.....	257

CAPÍTULO 10

FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO E A VIOLÊNCIA

Data de aceite: 01/04/2022

Rebecca de Castro Teixeira

Centro Universitário de Barra Mansa
Barra Mansa – Rio de Janeiro
<http://lattes.cnpq.br/4985387477232326>

Florencia Cruz da Rocha Ebeling

Centro Universitário de Barra Mansa
Barra Mansa – Rio de Janeiro
<http://lattes.cnpq.br/0954042167873167>

RESUMO: No Brasil colonizado, o principal produto foi um povo-nação, onde para extrair minérios, derrubar florestas e arrasar terras se gasta gente, aos milhões. Aqui não prosperou a massa trabalhadora, nem se integrou na civilização industrial. A partir desse cenário se desenvolve esse artigo que tem como tema a Formação do povo brasileiro e a violência, um recorte de nossa pesquisa sobre a violência relacionada à escola. Nosso objetivo geral é entender as relações entre o passado brasileiro e o presente, mostrando que seu nascimento marcado por explorações, e violências cresceu e está nessa dimensão. A nossa história nos fez ser o que somos hoje, mas não exclui quem podemos nos tornar, se a escola é a representação de sua sociedade ela também pode transformá-la. A escola é sinônimo de futuro, lembremo-nos do nosso passado, o que é o contrário do que ainda fazemos, para aprendermos e vislumbrar um futuro diferente.

PALAVRAS-CHAVE: Violência, sociedade, cultura.

FORMATION OF THE BRAZILIAN PEOPLE AND VIOLENCE

ABSTRACT: In colonized Brazil, the main product was a nation-people, where to extract ores, to tear down forests and to destroy lands, people spend millions. Here the working masses did not thrive, nor did it integrate into industrial civilization. From this scenario develops this article that has as its theme the Brazilian people's formation and violence, a cut of our research on violence related to school. Our general objective is to understand the relations between the Brazilian past and the present, showing that its birth marked by explorations, and violence has grown and is in this dimension. Our history has made us what we are today, but it does not rule out who we can become, if the school is the representation of its society, it can also transform it. School is synonymous with the future, let us remember our past, which is the opposite of what we still do, to learn and envisage a different future.

KEYWORDS: Violence, society, culture.

1 | INTRODUÇÃO

Desde o início da ilha Brasil percebemos grandes conflitos. Do povo lusitano contra os indígenas, vale citar que foram em vários os níveis: biótico, ecológico, econômico e social; ou entre povos indígenas que aqui viviam; ou contra os africanos trazidos a força para cá. (DARCY, 1995)

Aqui já viviam povos diversificados, variando entre língua e cultura, contudo

possuíam em conjunto sua organização social consistida pela igualdade. Para os indígenas o povo novo poderia ter vindo em nome de seu Deus criador, um presente, logo, pois se mostraram exploradores e aproveitadores.

Para o português era missão espalhar a palavra de seu Deus e em nome Dele atrocidades foram cometidas.

De um lado se encontravam os indígenas, puros e inocentes, como antes de serem expulsos do paraíso. Do outro, os navegantes barbudos, fétidos e sisudos, espantados com a visão do Édem e de seu povo. Para um povo o viver era para ser vivido, o mundo era um luxo e a vida era um presente dos deuses. Já para os lusitanos de nada valia essa vida, sem produzir, sem acumular.

É a partir desse cenário que se desenvolve esse artigo que tem como tema a Formação do povo brasileiro e a violência, um recorte de nossa pesquisa sobre a violência relacionada à escola. A motivação e a justificativa do tema se deve a necessidade de entender a origem da violência no Brasil e que afeta a escola, dando origem ao problema desse estudo: quais as relações entre a exploração do Brasil, sua colonização e a violência?

Nosso objetivo geral é entender quais as relações entre o passado brasileiro com seu presente, mostrando que seu nascimento marcado por explorações, colonização e violências cresceu e está nessa dimensão. O desenvolvimento desse estudo será realizado por meio de pesquisa bibliográfica, estado da arte sobre o tema. Destacando os principais autores.

Analisando a relação de dominação que vivenciamos a mais de meio milênio com a violência que nossa sociedade demonstra, percebemos como a violência está entranhada nas diversas camadas sociais. A violência no Brasil pode ser caracterizada como um legado, como não é por acaso é possível prevenir, abordar, manejar e construir linhas de fugas comunitárias.

2 | VIOLÊNCIA

A UNESCO entende por violência sintomas de um mal-estar que vigoram na sociedade (CALIMA, 2013). Já para o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa a palavra violência significa: constrangimento físico ou moral; uso da força; coação. Violentar: exercer violência sobre; forçar; coagir; constranger; torcer o sentido de; alterar; inverter.

Para apontar o problema devemos então conhecer as estruturas e as culturas reproduzidas por um povo, portanto presumimos que violência é uma manifestação, é um grito à sociedade pedindo assistência, brandindo que direitos fundamentais estão sendo negados, que há grupos sociais sendo excluídos, forçados a viverem em certos lugares tanto sociais quanto geográficos, que para a perpetuação da desigualdade social é usado a força física e psicológica em nome da manutenção da vida social, invertendo o sentido das palavras humano, cidadão e pessoa.

Então chegamos a uma reação que provoca com violência a própria violência sofrida, tendo como fórmula para se chegar a essa reação agressiva e impetuosa a soma de vários fatores, tais como: sentimentos de insatisfação diante da desigualdade social, a frustração de direitos fundamentais, condições de exclusão social, o apagamento da violência sofrida, rejeição de direitos básicos, criminalização de sua cultura, perseguição e demonização de etnias. Fatores esses que podem agravar essas condições e facilitar o consenso em torno de culturas de violência, reforçando os comportamentos antissociais.

Desse modo, a falta de recursos básicos leva a um determinado grupo afetado a “solução” do roubo, das brigas pela demarcação do mais forte, de infringir medo, passar a tomar a força o que deveria ser por direito. Como um ato reflexo, reagir com aquilo com o que foi acostumado, ter um direito negado e tomar a força o do outro. Violência é mais do que vemos nos jornais, revistas e na internet, a violência é algo estrutural, que cresceu junto com o país que conhecemos hoje, que teve um papel importante formando a nossa história, sendo quase involuntária, mesmo não sendo notada como tal. No Brasil temos uma história de violência, mesmo desprezada e sem espaço para se perceber, e pouco espaço para se discutir. Ao contrário do que diz a crença popular, não somos um povo afetuoso, somos um povo violento e melindrado, nossa história tem parte da responsabilidade.

3 | HISTÓRIA DO BRASIL

Ribeiro (1995) conta a história de como nossa sociedade passa a existir de forma trágica e real, em meio a guerras, exclusões, negações, explorações e alienações. Antes da chegada do europeu, entre os diferentes povos indígenas que aqui viviam guerreando entre si e após o primeiro contato do indígena com o português, onde começa uma guerra biótica, mesmo sem intenção, já que as doenças trazidas pelos europeus eram desconhecidas das Américas, a primeira forma de extermínio etnocida e genocida sem chances de defesa.

Somente após perderem as ilusões dos primeiros contatos os indígenas defenderam seu modo de ser e de viver, porém as tribos não juntaram forças entre si, levando em conta que as diversas tribos eram comunidades diferentes entre si, com modos diversificados de se viver e de cultura, exceto em alguns poucos casos, assim mesmo em maior número sua desorganização, sua condição evolutiva inferior e suas tecnologias aquém dos invasores ajudaram nas suas derrotas.

Os jesuítas tiveram um papel funesto na nossa história, concentrando os indígenas nas reduções, tirando-os de suas vidas, rejeitando sua cultura, levando-os a servir a padres e as suas guerras. Principalmente no primeiro século em que afligiram infidelidade cultural para com seu próprio povo, alienando-os quanto à religião imposta. Já no segundo século percebendo sua fúnebre função, os jesuítas indignados moralmente tentaram preservar e defender os indígenas, sendo por isso expulsos e obrigados a entregar as missões aos colonos ricos.

Os povos germinais tinham como eixo um império mercantil salvacionista onde se aventuraram pelo além-mar desbravando novos mundos, instigados pelo fanatismo, pela violência desregrada buscando riquezas para depredar utilizando sua missão salvacionista para espalhar o domínio da igreja católica romana. (RIBEIRO,1995)

No Brasil colonizado por Portugal o principal produto foi um povo-nação, onde para extrair minérios, derrubar florestas e arrasar terras se gasta gente, aos milhões. Aqui não prosperou a massa trabalhadora, nem se integrou na civilização industrial, esse resultado vemos hoje quando somos forçados a marginalidade na civilização que está emergindo. Ribeiro (1995) chama esse estilo de colonização de Barroco, onde os ibéricos misturavam seus genes com os dos indígenas, na maioria das vezes a força, a fim de produzir mais mão-de-obra, esse assimilacionismo do outro, sua tolerância opressiva, negando os corpos e almas dos indígenas e pretos.

Essa relação de dominação reflete hoje uma situação de violência estrutural, onde acabamos não percebendo, está tão entranhada em nós essa segregação onde os diferentes, os pobres, as mulheres e os negros são os mais hostilizados, os maiores culpados e os que recebem as piores fatias de violência (CADERMATORI, 2012).

Segundo Souza (2017, n.p.) “Nós não nos importamos com a dor e com o sofrimento dos pobres”, tratamos como natural a forma social da sociedade que tratava e falava sobre pessoas inferiores socialmente como objetos e não como humanos e hoje mantivemos esse estado de sub-humanidade para a parcela pobre, esses em sua maioria negra e para a população indígena que sofre até hoje numa terra que era deles, esse sentimento vem da escravidão e da negação, que acabamos perpetuando até hoje, dos olhos que fazemos questão de fechar quando o assunto é a violência que empregamos.

O Brasil é um país que foi concebido perante a violência, tendo em seus 518 anos de história apenas 129 anos de período republicano, desses 35 anos vivendo em golpes de estado, temos então apenas 94 anos de alguma “liberdade” para poucos. Não somos um povo acostumado a viver sem rédeas. Na lei abolimos a escravidão há 130 anos, entretanto o que ocorreu foi o deslocamento das senzalas para os morros e periferias, as chamadas favelas, sendo novamente negados como pessoas.

Vemos então a história se repetir, mais um povo que tem sua identidade negada e apagada, o que classificamos como violência é resultado disso, um povo ao ter seu direito ao trabalho negado, a posse de terras, a saúde, a alimentos, o que retorna para a prática dos roubos, usos de droga, assassinatos, erotizações, e banalização de sua cultura e de sua religião. (SILVA,2016).

Sobrou para a parcela da população que desde nossa colonização é culpada de ser quem é. Até hoje a cultura indígena é inferiorizada, sendo lembrada em todos os cantos apenas no dia 19 de abril, como um objeto de visualização e para fantasias. A cultura negra é criminalizada, negada ou erotizada, sendo vistos sempre como tudo de ruim que temos na nossa sociedade, preguiçosos, ladrões, estupradores, vadios ou traficantes, não porque

são ou deixam de ser, apenas por causa de sua pele e de seu endereço.

Em 1888, quando a Lei Áurea foi assinada ocorreu também uma exclusão de todo um povo que não tinha educação, trabalho nem moradia. Em 2018 vemos os resultados, 64% da população carcerária do Brasil é negra quando apenas 12,8% de negros estudam no nível superior (CERQUEIRA, 2018).

O Brasil foi o último país a abolir a escravidão por causa da grande quantidade de negros trazidos aos milhões coercitivamente e sua condição imposta como propriedade privada, assim como o fato da escravidão ser um regime empregado em todo o território nacional, deste modo quando ocorreu à abolição da escravidão os escravocratas não receberam nenhuma penalização, apenas trocaram a mão de obra escrava por mão de obra imigratória barata, o que impele o negro para o “escanteio”, a periferia, deixando-os sem cidadania plena e a mercê de uma sociedade condicionada e acostumada com a escravidão, no final ‘contaminando’ esse sentimento aos brancos pobres que em sua maioria também eram analfabetos, e com isso não eram reconhecidos como cidadãos (ALENCASTRO, 2018).

A abolição da escravidão é tratada como se estivesse ocorrido em um passado extremamente distante, como se em algum momento da história brasileira ela se transformará em uma mancha insignificante, ainda tratamos essa parte da nossa história, vale lembrar que é mais da metade de Brasil, com pouca importância. Foram 358 anos de extrema violência física, moral e social, onde se negou a condição de ser humano à toda uma etnia, forçando-os a um novo continente, a uma nova língua, a uma vida cativa sem direitos básicos, sendo desumanizados e desculturalizados, 130 anos depois de serem destituídos da condição de escravos ainda não se avançou muito, tendo até hoje sua cultura tida como inferior, criminalizada e taxada.

Temos no Brasil uma vasta história de apagamento da violência, onde ignoramos 69% escravidão negra, séculos de negação da cultura indígena anos de ditaduras e coação, somos um país nascido na violência legalizada, criado do estupro e do constrangimento físico e moral, onde em nome do dinheiro e do crescimento se vale a vida de milhões. E mesmo assim vivemos com um esquecimento intencional coletivo, utilizando do discurso focado no futuro do “não olhe para trás”. Desqualificando pessoas por serem de determinados grupos étnicos, por não terem patrimônio, por morarem em determinados lugares, pela sua sexualidade, pelo seu gênero. (SILVA,2016).

Como resultado temos um silenciamento dessas minorias sociais, essas minorias não são contadas por base em números, já que contabilizam mais da metade dos brasileiros, e sim de suas posições sociais consideradas inferiores. Na nossa sociedade o poder de fala de um homem branco, rico e mais velho vale mais do que a fala de uma mulher jovem, negra e pobre. Ou seja, uma pessoa não consegue articular por si mesmo suas experiências e vivências por causa da hierarquia social. Precisamos entender a importância de se abrir um lugar de fala onde todos os nossos anos de histórias apagados e silenciados ganhe voz,

mas sem intermédio, empregando valor na fala de minorias, entregando o protagonismo de debate a quem não teve voz durante a maior parte da nossa história. (ORTELLADO 2017)

Segundo especialistas o lugar de fala é um conceito complicado e necessário, para Moreira apud Borges (2017, n.p.) “é a posição de onde olho para o mundo para então intervir nele”, para Moreira apud Berth (2017, n.p.)

é o limite que encontramos em saber e compreender uma opressão que não são nossas e perceber que nossas experiências não abrem precedentes para tomar a palavra para si.

Portanto lugar de fala é tornar uma minoria a porta voz de sua própria história, tornando então o debate um espaço mais aberto, acolhedor onde se entende a luta de cada parte como a luta do todo sem um excluir o outro.

Carregamos por gerações alguns conceitos e sensações que estão que estão radicados em nossa sociedade de uma forma complexa e profunda tornando-a algo ‘natural’, conceitos esses que hoje geram lutas de afirmação, já que os grupos sociais excluídos não aceitam mais a condição inferior imposta; dores profundas, a sociedade ainda utiliza ‘cartas’ adotadas no período colonial como respostas que justificam sua brutalidade; e por fim uma violência generalizada que tem como público alvo, em sua avassaladora maioria, os pobres, os negros, os indígenas, as mulheres e os homossexuais.

Nesse cenário onde encontramos em torno de toda a nossa história um costume de violência contra as camadas inferiores da hierarquia social vemos as tentativas da criminalização das culturas das classes sociais desfavorecidas se repetirem ao longo dos anos, no começo do século XX temos o samba que já teve interpretes presos, letras alteradas pela censura e teve sua valorização por causa de uma das bandeiras levantadas pelo presidente Getúlio Vargas, o nacionalismo, que também retirou a capoeira da lista de crimes em nome da valorização da cultura brasileira. O rap é outro estilo musical que foi muito taxado no final do século XX e início do século XXI, mais atual é a discussão envolta do funk, de um lado a acusação de letras com apologia a violência e ao sexo explícito, do outro a réplica que defende as vertentes desse ritmo musical e a fala que explicitam que a realidade das letras nada mais é do que a realidade vivida pelos seus autores. A cantora Anitta aponta que para se mudar as letras de funk precisa-se primeiro esmiuçar a sociedade, para então transformar essa realidade. Essas ações não param apenas na música, são apenas alguns exemplos (JOST, 2017).

Nesse contexto, temos a escola que reflete o meio em que está inserida. Se hoje vemos todos os tipos de violência saindo da boca ou das mãos dos estudantes é consequência o ambiente em que estão introduzidos, dos exemplos que são vistos, do que lhes foi deixado como vida há mais de um século.

Se a escola é o reflexo de sua sociedade, portanto em terras tupiniquins, está incluída no perpetuamento da violência, já que aqui nasceu com o nefasto intuito de violentar a cultura indígena, tendo como objetivo primeiro ‘resgatar’ indígenas de sua

vida transformando-os e negando-os como indígenas; e mais para a frente sendo o lugar que difunde a segregação de povos e classes, tratando cada um diferente e reservando ensinamentos e determinados métodos diferentes para cada.

Hoje a escola tem papel e objetivos diferentes do que no passado. Em nossa legislação todos têm direito à educação, mesmo que para alguns, esse acesso seja mais fácil e mais completo. Recebemos pessoas em nossas salas de aula e assim devem ser tratadas, como humanos, contradizendo o que está perpetuado na nossa sociedade.

Segundo o Atlas da Violência 2018 feito pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e pelo FBSP (Fórum Brasileiro de Segurança Pública):

A vitimização por homicídios de jovens (15 a 29) anos no país é fenômeno denunciado ao longo das últimas décadas, mas que permanece sem a devida resposta em termos de políticas públicas que efetivamente venham enfrentar o problema. Os dados de 2016 indicam o agravamento do quadro em boa parte do país: os jovens, sobretudo os homens, seguem prematuramente perdendo suas vidas. (CERQUEIRA, 2018, p. 32)

Em 2016 houve 62.517 homicídios, agrupados junto agressões e intervenções legais, a juventude masculina (15 a 29 anos) corresponde a 50,3%. Nossos jovens, majoritariamente pobres, estão sendo assassinados os negros correspondem a 40,2% da taxa de homicídios no Brasil, no caso das mulheres negras os índices mostram 71% superior das mulheres não negras. No caso específico das mulheres a violência por gênero existe muito mais do que a ponta do iceberg do assassinato, a violência psicológica, patrimonial, física ou sexual vem antes, as negras ainda sofrem com a solidão, já que não são amparadas pela sociedade e as indígenas por ainda sofrerem com o apagamento que o Brasil instituiu há séculos. (CERQUEIRA, 2018)

Cabe à escola buscar verdadeiramente a formação do cidadão construtor ativo da sociedade e principalmente, capazes de se indignar e se escandalizar, não aceitando nenhuma forma de violência.

4 | CONCLUSÃO

Levantamos ideias de alguns autores sobre a violência suas causas e consequências, buscando as relações entre o nascimento do Brasil e a atualidade. O panorama da violência que vemos presente na sociedade brasileira atual é, em sua essência, herança que carregamos da nossa colonização. Ao se analisar a história do Brasil desde 1500 percebemos quais as relações que se mantêm entre a exploração existente desde o 'ano zero' brasileiro e o presente.

Percebemos que a naturalização da violência que vemos hoje no nosso país se deve aos séculos de escravidão, apagamento, negação e segregação que se deu durante séculos sendo uma das estruturas que foram utilizadas na construção do Brasil. Os mesmos povos que sofreram têm seus descendentes lidando com essa herança, para eles são entregues

a rejeição, a banalização, a criminalização, a perseguição e a demonização. A violência foi, e ainda é usada como a reafirmação do poder, da verdade absoluta e da superioridade. Temos uma história vasta e pontuada por lutas, que ainda se mantêm. Se ser um negro no Brasil no século XVIII era sinônimo de escravidão, no século XXI não é muito diferente já que modernizamos a escravidão, sub empregando-os, ainda encontramos a maioria negra em prisões, mas não nas universidades onde quase não são vistos como discentes ou docentes. Negamos a cultura indígena desde o século XVI, mas não aceitamos indígenas de shorts e celulares. Subjugamos mulheres a anos a ponto de torná-las objeto.

O problema que envolve o tema sobre a violência exige uma solução coletiva, abrangendo toda a sociedade num trabalho de conscientização.

A partir do momento em que ela for compreendida por toda sociedade desta forma e tratada com urgência e seriedade estaremos nos aproximando de uma solução que se encontra no resgate de valores, trabalho este feito em sintonia entre escola e família. É urgente a articulação dialética entre ambas. Desta maneira vislumbra-se a possibilidade de minimizar as diferentes manifestações da violência social afirmando ao contexto social uma cultura mais humana.

Este artigo teve por objetivo entender quais as relações entre o passado brasileiro com seu presente, mostrando que seu nascimento marcado por explorações, colonização e violências cresceu e está nessa dimensão, diz-se popularmente que somente colhemos o que plantamos, hoje obtemos os resultados desse início brutal. A nossa história nos fez ser o que somos hoje, mas não exclui quem podemos nos tornar, se a escola é a representação de sua sociedade ela também pode transformar-la, a escola é um elemento vivo, formado não por tijolos e paredes, mas por pessoas, recebemos então todos os números de violência explícita. Toda nossa história não pode ser mudada, mas a escola também é sinônimo de construção de futuro, e por isso precisamos lembrar do nosso passado, com olhar crítico e transformador, o contrário do que ainda fazemos, para que possamos aprender e vislumbrar um futuro diferente.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz F. Abolição da escravidão em 1888 foi votada pela elite evitando a reforma agrária, diz historiador. **BBC Brasil**. São Paulo, maio 2018. Amanda Rossi. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44091474>. Acesso em: agosto 2018.

CADEMARTORI, Ana Carolina; ROSO, Adriane. **Violência, criminalidade e relações de dominação: do Brasil colônia ao Brasil contemporâneo**. SER Social, Brasília, v. 14, n.31, p.397-418, jun/dez. 2012.

CALIMAM, Geraldo (Org.). **Violência e direitos humanos: espaços da educação**. Brasília: Líber Livro, 2013.

CERQUEIRA, Daniel (Org.). **Atlas da Violência 2018**. IPEA e FBSP. Rio de Janeiro, 2018.

FERREIRA, Aurélio B.H. **Dicionário da língua portuguesa**. 5.ed. Curitiba: Positivo, 2010.

JOST, Miguel. Criminalização da cultura periférica e de rua: nada de novo sob o sol. **Mídia Ninja**, Jun 2017. Disponível em: <http://midianinja.org/migueljost/criminalizacao-da-cultura-periferica-e-de-rua-nada-de-novo-sob-o-sol/>. Acesso em: agosto 2018.

MOREIRA, Matheus; DIAS, Tatiana. O que é 'lugar de fala' e como ele é aplicado no debate público. **Nexo Jornal**, São Paulo, 15 jan 2017, expresso. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/15/O-que-%C3%A9-%E2%80%98lugar-de-fala%E2%80%99-e-como-ele-%C3%A9-aplicado-no-debate-p%C3%BAblico>. Acesso em: agosto 2018.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. 3.ed. São Paulo: Global, 2015.

SILVA, **Márcio S.** A história do Brasil é uma história de apagamento da violência. Revista da Goethe Institut. Dez 2016. Disponível em: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/cul/20880092.html> Acesso em: agosto 2018.

SOUZA, Jessé. É preciso explicar o Brasil desde o ano zero. **Revista Cult**, São Paulo, outubro, 2017. Entrevistadora Amanda Massuela. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/jesse-souza-a-elite-do-atraso/>. Acesso em Julho 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescentes 21, 96, 98, 113, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 138, 139

Agir docente 155, 156, 161, 165, 166, 167, 172

Alfabetização 97, 172, 256

Angola 1, 2, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 15, 16, 17, 18

Antirracismo 49, 106, 107, 113

Aprendizagem 5, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 45, 63, 64, 69, 83, 84, 97, 101, 105, 107, 108, 110, 116, 117, 140, 141, 144, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 158, 159, 161, 163, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 181, 182, 183, 229, 230, 233, 234, 235

B

Bioética 73, 74, 75, 76, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89

Brasil 1, 2, 3, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 26, 29, 31, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 54, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 92, 93, 96, 97, 104, 105, 107, 108, 110, 111, 113, 114, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 130, 131, 139, 155, 171, 177, 229, 231, 236, 240, 245, 246, 247

Brincadeiras 140, 146, 148, 151, 242, 243, 244, 246, 247, 248

C

Cidadania 27, 43, 44, 67, 74, 78, 110, 114, 123, 128, 129, 150, 151, 162, 172, 230, 231, 232, 239, 245

Ciências 1, 8, 9, 10, 11, 15, 17, 18, 29, 30, 33, 34, 36, 41, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 103, 128, 140, 152, 153, 154, 227, 232, 256

Complexidade 23, 31, 36, 39, 94, 159, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 182, 183

Conhecimento 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 15, 19, 23, 27, 28, 29, 34, 35, 36, 39, 44, 48, 52, 53, 55, 58, 69, 73, 74, 75, 94, 96, 98, 102, 113, 114, 115, 138, 140, 147, 148, 156, 157, 158, 168, 169, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 230, 231, 236, 238, 246, 247

Conscientização 97, 100, 101, 126, 182

Crianças e jovens 25, 140, 142, 143, 144, 146, 148, 151, 245

Cultura 5, 6, 10, 15, 16, 18, 19, 30, 32, 41, 43, 44, 45, 47, 48, 63, 66, 71, 89, 96, 100, 104, 105, 111, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 129, 142, 143, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 195, 204, 207, 210, 211, 217, 218, 219, 223, 228, 229, 230, 238, 246, 247, 255, 256

Currículo 4, 12, 43, 44, 48, 49, 66, 71, 73, 76, 78, 79, 83, 84, 89, 102, 107, 108, 153, 166, 176, 181, 182, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 236, 237, 238, 239, 240, 241

D

Dinâmicas culturais 144, 148, 151

Dinâmicas educativas 140, 144, 145, 151

Direito 9, 15, 54, 66, 93, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 108, 111, 112, 113, 121, 122, 125, 132, 134, 244, 245

Diversidade 1, 2, 5, 8, 31, 44, 46, 49, 53, 59, 73, 80, 81, 88, 89, 92, 94, 100, 110, 114, 115, 142, 152, 153, 158, 167, 231, 248

Docência no ensino superior 30

Dualidade 61, 62, 63, 66, 68, 69, 70, 71, 165, 243

E

Educação de jovens e adultos 67, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 105

Educação infantil 1, 3, 27, 66, 154, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248

Educação superior 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 66, 68, 69

Educación 59, 184, 185, 186, 190, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 204, 205, 206, 210, 211, 212, 214, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255

Educación continua 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255

Educación superior 59, 186, 195, 196, 197, 201, 206, 210, 217, 218, 219, 220, 223, 224, 225, 226, 249, 250, 253, 255

Egresados 193, 202, 204, 206, 207, 208, 212, 249, 251, 252, 253, 254

Ensino de ciências biológicas 30

Ensino profissional 61, 72

Equidade de gênero 242, 243, 244, 245, 246, 247

Escola pública 18, 70, 93, 94, 104, 109

Estágio docente 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41

F

Filosofia 1, 18, 73, 89, 103, 106, 107, 115, 116, 128, 173, 256

Formação integral 61, 74

Foucault 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 159, 172

G

Gênero 1, 2, 4, 5, 16, 100, 123, 125, 155, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248

Gestão 15, 16, 18, 19, 27, 45, 50, 59, 74, 78, 89, 130, 134, 170, 185, 227, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240

Gestión académica 195

Gestão administrativa 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 212, 217

Gestão tecnológica 195, 208

I

Identidade docente 30, 33, 36

Inclusão 3, 9, 67, 69, 70, 71, 75, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 113, 148, 172

Instituição de ensino 2, 8

Integração 45, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 68, 69, 70, 78, 96, 104, 182, 233, 234

Internacionalização 51, 57

L

Lei 10639/2003 43

Lei 11645/2008 43

Liderazgo 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 196, 198, 204

M

Mercosul educacional 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58

O

Oferta acadêmica 197, 206, 208, 209, 212, 214, 221, 249, 253

Organización 185, 186, 187, 188, 193, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 212, 213, 216, 217, 218, 219, 220, 222

P

Pandemia 16, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 41, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115

Perspectiva freiriana 92, 93, 100, 102, 103

Planejamento 33, 37, 39, 40, 45, 50, 56, 155, 156, 167, 168, 169, 170, 171, 176, 185, 233, 234, 237

Planificación 185, 187, 188, 197, 204, 205, 206, 212

Práticas pedagógicas 33, 37, 68, 95, 100, 115, 169, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 244, 245

Privação de liberdade 128, 129, 133, 138

Processo de Bolonha 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Professoras 25, 156, 160, 161, 162, 166, 170, 227, 228, 232, 233, 234, 235, 236, 238

R

Racismo 43, 44, 46, 49, 107, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118

Representações sociais 95, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 227, 228, 231, 232, 239, 240

S

Sociedade 3, 5, 6, 7, 8, 11, 14, 15, 21, 26, 34, 44, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 55, 56, 58, 62, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 78, 80, 86, 87, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 110, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 133, 137, 139, 140, 142, 144, 146, 151, 152, 158, 159, 160, 161, 175, 177, 231, 240, 243, 244, 245, 246, 247

Subjetividade 128, 138

T

Transdisciplinaridade 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183

Transformación digital 195, 197, 198, 200, 201, 202, 204, 205, 207, 208, 211, 213, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 226

V

Violência 21, 47, 99, 107, 108, 110, 111, 116, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 133, 135, 136, 138, 139

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES





5

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

AVANÇOS, LIMITES E CONTRADIÇÕES

5

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br